

Grampo: investigação aponta para a Abin

Delegado suspeita de agente do Rio e MP quer saber se ordem veio de cima

Chico Otavio e Bernardo de la Peña

● As investigações sobre a autoria do grampo no BNDES, que ganharam novos contornos com a divulgação de 46 fitas inéditas sobre o caso, caminham em direção à Agência Brasileira de Inteligência (Abin). O delegado federal responsável pelo inquérito, Rubens Grandini, e os procuradores federais que acompanham o caso só divergem sobre o grau de envolvimento da agência. Enquanto o delegado lança as suas suspeitas sobre o agente da Abin Temilson Antônio Barreto de Resende, o Telmo, especialista em análise de informações que teria montado a operação de escuta telefônica, os procuradores apostam na possibilidade de grampo oficial, ou seja, os telefones do BNDES estavam sendo monitorados pela agência durante o processo de leilão das teles.

Cardoso nega que Abin estivesse monitorando leilão

O chefe da Casa Militar, general Alberto Cardoso, negou ontem que a Abin estivesse monitorando o leilão ou que tenha tido qualquer responsabilidade sobre o grampo instalado no BNDES.

— Estou acompanhando desde dezembro as investigações sobre o grampo e até agora ninguém me falou de qualquer suspeita sobre a Abin. Posso garantir que o grampo não partiu de nenhuma ordem institucional. Se for comprovado que um dos nossos agentes ou outro servidor de qualquer órgão agiu por conta



GENERAL ALBERTO CARDOSO: "ninguém me falou de qualquer suspeita".

própria, terá que ser responsabilizado pessoalmente — afirmou.

O ministro da Justiça, Renan Calheiros, confirmou ontem que todos os indícios de autoria do grampo apontam para Temilson, um agente egresso do extinto SNI que chegou a chefiar o serviço de contra-informações no Rio. Sua carreira foi afetada, há três anos, quando Telmo foi denunciado

por receber propinas do bicheiro Castor de Andrade. Além dele, o delegado investiga a possibilidade de envolvimento do ex-cabo da Marinha Adilson de Matos, amigo de Telmo que atua na área de espionagem industrial.

O inquérito não foi concluído e nenhum dos suspeitos foi indiciado. Para a Procuradoria, porém, as investigações não devem res-

tringir-se aos supostos autores do grampo (Telmo e Adilson). Por este motivo, exigiram que o delegado ouvisse o ministro-chefe do Gabinete Militar, general Cardoso (chefe da Abin), e o chefe do escritório da Subsecretaria de Inteligência no Rio, identificado como João Guilherme.

Cardoso afirmou que, em agosto, numa viagem ao Rio, tomou conhecimento da existência de fitas com conversas que poderiam comprometer o presidente Fernando Henrique Cardoso, razão pela qual determinou a João Guilherme arrecadar esse material. Já o chefe do escritório regional da Abin disse que só falou com o general sobre boatos que estavam circulando na época sobre irregularidades no leilão das teles, mas não citou as fitas.

Juiz quebra o sigilo do inquérito sobre o grampo

O MP insiste em investigar a Abin porque as duas fitas, divulgadas no ano passado, foram parar inicialmente na agência. Mais tarde, o material foi enviado pelo general Cardoso à PF. Em entrevista ao GLOBO, em novembro, Cardoso disse que as fitas foram entregues de forma anônima, em setembro, à Abin em Brasília.

O juiz Alexandre Libonati, da 2ª Vara Criminal, quebrou ontem o sigilo do inquérito. Os procuradores Silvana Batini e Artur Gueiros pretendem pedir à Folha de S. Paulo a íntegra das 46 fitas. ■

COLABORARAM Adriana Vasconcelos e Vannildo Mendes